

Novo modelo de gestão para a Real Grandeza

Diretoria Executiva recém-empossada aprimora controles e busca ampliar a participação nas decisões da entidade



Foto: Custódio Coimbra

Prazo para a opção por tributação do IR vai só até 30 de dezembro

Página 2

Everton Zveiter é o novo presidente do Conselho Deliberativo

Página 3

Dirigentes da FRG visitam Secretaria de Previdência Complementar

Página 3



Confira as alíquotas dos dois regimes:

TABELA PROGRESSIVA

Base de Cálculo	Alíquota na Fonte
Até R\$ 1.164,00	Isento
De R\$ 1.164,01 a R\$ 2.326,00	15%
Acima de R\$ 2.326,00	27,5%

TABELA REGRESSIVA

Prazo de Acumulação de Recursos	Alíquota na Fonte
Até 2 anos	35%
Acima de 2 até 4 anos	30%
Acima de 4 até 6 anos	25%
Acima de 6 até 8 anos	20%
Acima de 8 até 10 anos	15%
Acima de 10 anos	10%

Não perca tempo: data limite para a opção de tributação do IR sobre os seus benefícios é 30 de dezembro

A Medida Provisória 255 prorrogou para 30/12/2005 o prazo final para os Participantes, inscritos até 31/12/2004, em planos de Previdência Complementar estruturados na modalidade de contribuição definida ou variável, optarem por qual regime tributário querem passar a recolher o Imposto de Renda no momento do pagamento do resgate ou benefício.

Você que é Participante do Plano CD receberá, no seu e-mail funcional, uma cartilha explicativa com todas as orientações para ajudar na sua decisão. Para os que não possuem correio eletrônico, a REAL GRANDEZA enviará o mesmo material por correspondência. Quaisquer outras informações poderão ser obtidas pela CENTRAL DE RELACIONAMENTO, por meio do 0800-282-6800, ou nos Postos Avançados.

A Tabela Progressiva do atual regime tributário continuará valendo. Por ele, o benefício mensal do Participante do Plano de Previdência Complementar é tributado de acordo com as alíquotas da tabela de pessoa física.

Em caso de resgate – independente do valor – incide alíquota de 15% de Imposto de Renda na fonte, ajustável na Declaração Anual.

Pelo novo regime, a tabela é regressiva. Quanto mais tempo o Participante deixar seu dinheiro acumulado, menor será a alíquota de imposto a pagar. O cálculo é feito no ato do resgate (saída antecipada do Plano) ou recebimento do benefício, de acordo com o prazo de acumulação, que é o tempo decorrido entre o primeiro aporte de recursos para o plano e a data do pagamento do resgate ou benefício.

Para aqueles que não indicarem a opção, será aplicada a tabela progressiva da legislação vigente. ■

Empréstimo Pessoal tem novo Regulamento

A REAL GRANDEZA promoveu uma ampla revisão das regras para concessão do Empréstimo Pessoal, mais conhecido como Jumbão. Pelo novo regulamento (IV), aprovado dia 5 de outubro, os empregados da REAL GRANDEZA e de FURNAS Participantes do Plano CD, e também os pensionistas da Fundação, agora têm direito a usufruir do benefício.

A revisão do Regulamento trouxe outra vantagem. Ao criar o Fundo de Cobertura de Risco eliminou, por exemplo, a exigência de avalista. Em caso de falecimento, o empréstimo fica quitado.

Os empréstimos de ambos os planos (CD e BD) são concedidos em duas datas por mês: solicitações efetuadas entre os dias 5 e 15 (inclusive) serão liberadas no dia 20 do mesmo mês; para aquelas feitas entre os dias 16 e 30 (inclusive) a liberação acontecerá no dia 5 do mês seguinte.

Os pedidos de empréstimo devem ser feitos diretamente à Gerência de Relacionamento com o Participante, das 9h às 16h. ■

Jornal da REAL GRANDEZA
Fundação de Previdência e Assistência Social
Ano XV, nº 69 SETEMBRO / OUTUBRO - 2005

Jornal da REAL GRANDEZA é uma publicação da **REAL GRANDEZA - Fundação de Previdência e Assistência Social**
Rua Mena Barreto, nº 143 / 6º andar
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22.271-100
Telefone: 0800 - 282 - 6800
Fax: (21) 2286-5995
E-mail: comunic@frg.com.br
Tiragem: 12.500 exemplares
Distribuição Gratuita

As matérias deste periódico têm caráter meramente informativo, não gerando quaisquer direitos ou obrigações. Artigos ou textos eventualmente assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Diretoria Executiva:

Diretor-Presidente:
Sérgio Wilson Ferraz Fontes

Diretora de Administração e Finanças:
Tereza Cristina de Oliveira

Diretor de Investimentos:
Ermindo Cecchetto

Patrocinadoras:

FURNAS Centrais Elétricas S. A.
Eletrobrás Termonuclear S. A. - Eletronuclear
Fundação Real Grandeza

Jornalista responsável: Denise Assis
Reg. Prof. MTb 12852 (DRT-RJ)

Redação: Lídia Pena, Margaret Yparraguirre, e Valéria Paim

Revisão: Gerson Jorge

Fotografia: Luiz Clovis Bergallo

Projeto gráfico e editoração eletrônica:
Núcleo da Idéia Publicidade

Distribuição:
Gerência de Administração e Serviços (GAS)

Estagiária: Raquel Pavan Braz

REAL GRANDEZA

Integrantes do Conselho Deliberativo tomam posse



Foto: Custódio Coimbra

Conselho Deliberativo da Fundação REAL GRANDEZA escolhe Everton Martins Zveiter (quinto da esquerda para a direita) para a presidência e empossa membros efetivos, suplentes e indicados pelas Patrocinadoras

Foram empossados, no dia 7 de outubro, os novos membros, efetivos e suplentes, indicados por FURNAS e Eletronuclear, assim como os membros efetivos e suplentes eleitos representantes dos Participantes e Assistidos. A eleição, ocorrida nos dias 12 e 13 de setembro, contou com 4.808 votantes, entre Participantes, Assistidos e Pensionistas, e definiu a nova composição do Conselho Deliberativo da FRG.

A solenidade, realizada na sala de reunião dos Conselhos, na Fundação, teve a presença do Diretor-Presidente da REAL GRANDEZA, Sérgio Wilson Fontes, e da Diretora de Administração e Finanças, Tereza Cristina de Oliveira.

Na ocasião, Sérgio Wilson reafirmou a proposta de trabalhar “em conjunto com o Conselho Deliberativo, órgão máximo de deliberação da FRG”, reconheceu que serão “tempos árduos” e prometeu “estruturar cada vez mais a REAL GRANDEZA para o bom andamento dos trabalhos”.

O Conselheiro Everton Martins Zveiter foi escolhido presidente pelos membros indicados pelas Patrocinadoras, de acordo com o art.22, parágrafo 2º, do Estatuto da FRG.

“Todos sabemos que a tarefa é grande e o momento muito delicado. Estamos confiantes no trabalho que iremos desempenhar para corresponder à expectativa depositada pelas Patrocinadoras. Falo neste momento, evidentemente, mais em meu nome, porque somente o convívio com os demais conselheiros irá construir uma relação de unidade que me dê o direito de falar em nome de todo o Conselho. Agradeço a oportunidade, me coloco à disposição e espero contar com a parceria de todos”, declarou para o Jornal da REAL GRANDEZA, o novo presidente do Conselho Deliberativo, Everton Zveiter ■

Representantes Eleitos pelos Participantes e Assistidos:

Titulares: Horácio de Oliveira, Geovah Machado e Francisco Carlos Schemberg

Suplentes: Roberto Kurrik, Pedro de Oliveira Trotta e Attila de Castro Filho

Indicados por FURNAS:

Titulares: Everton Martins Zveiter e Wellington Lima Cristiano

Suplentes: Laércio Mazzo e Celso Rodrigues

Indicados pela Eletronuclear:

Titular: Celso Antonio Guimarães

Suplente: Wilson Neves dos Santos

Diretoria da REAL GRANDEZA faz reunião com SPC



Foto: Arquivo

Adacir Reis, secretário de Previdência Complementar

Os novos dirigentes da REAL GRANDEZA foram a Brasília no dia 5 de outubro para uma reunião com o Secretário de Previdência Complementar, Adacir Reis. A visita aconteceu por iniciativa da própria diretoria-executiva e teve como objetivo básico promover a apresentação da nova equipe.

Durante o encontro também foram abordadas questões pendentes de aprovação pela SPC, tais como o novo Estatuto e as alterações dos Regulamentos dos Planos BD e CD, em vista dos institutos criados pela Lei Complementar 109 (benefício proporcional diferido, portabilidade e resgate).

Na avaliação do Diretor-Presidente da FRG, Sérgio Wilson Fontes, o encontro foi positivo e sinalizou a disposição da nova diretoria de buscar maior aproximação com o órgão responsável pela regulamentação e fiscalização do setor ■

Novo perfil operacional para a FRG

O novo Diretor-Presidente da REAL GRANDEZA, Sérgio Wilson Ferraz Fontes, dedicou a maior parte do seu primeiro mês e meio de gestão ao restabelecimento da normalidade institucional da Fundação. Consciente dos desafios que ainda serão enfrentados, ele fala nesta entrevista das medidas já tomadas, das que estão a caminho, e destaca a harmonia e a identidade de propósitos que pautam o trabalho da nova diretoria.

FRG - Que balanço você faz desse primeiro mês de gestão da nova diretoria na FRG? Qual foi a situação encontrada?

Sérgio Wilson - Nós assumimos em uma situação particularmente delicada porque, como se sabe, não tivemos um processo de transição convencional. Nossa dificuldade inicial foi conjugar a falta de informações com a necessidade de tomar decisões, fazer a máquina andar. Para minimizar este problema solicitamos às Patrocinadoras a realização de uma ampla auditoria, um *raio-x* da Fundação. Esse apoio foi fundamental porque criou as condições para que pudéssemos atuar em outras frentes.

FRG - Que frentes foram essas?

Sérgio Wilson - A primeira e mais importante delas foi sem dúvida o resgate da normalidade institucional. Encontramos a casa praticamente paralisada e a Fundação mergulhada em uma crise de imagem sem precedentes. O caso do Banco Santos contribuiu muito para isso. Esse é sem dúvida um marco, um divisor de águas na história da Fundação. Para se ter uma idéia, basta dizer que a nossa central de atendimento chegou a receber vários telefonemas de Participantes atribuindo o recente reajuste do seguro de automóvel às perdas do Banco Santos. E olha que a Fundação nem administra essas apólices, que são de responsabilidade da CAEFE. O quadro se agravou ainda mais com a inserção da FRG no contexto da crise política. Além do desgaste de imagem, na esteira da crise houve uma verdadeira avalanche de demandas por informações, em especial por parte dos órgãos governamentais e da imprensa.

FRG - Que medidas foram tomadas para reverter esse quadro?

Sérgio Wilson - Adotamos de imediato uma atitude de transparência na comunicação, inicialmente com foco no relacionamento com a imprensa. Era preciso quebrar o clima de desconfiança generalizado que se instalou na mídia com reflexos diretos sobre as nossas relações institucionais. Tenho me empenhado pessoalmente nisso porque tudo o que queremos é virar a página da crise e olhar para o futuro. E temos muitos desafios pela frente.

“Solicitamos às Patrocinadoras a realização de uma ampla auditoria, um raio-x da Fundação”

FRG - Você pode dar exemplos?

Sérgio Wilson - Um deles é sem dúvida recuperar os créditos perdidos no Banco Santos. Estamos acompanhando de perto os desdobramentos da decretação da falência da instituição como integrantes do grupo de credores composto por fundos de pensão. Ainda que a expectativa seja de reaver apenas parte do que foi aplicado, nossa determinação é buscar a máxima reparação possível. É um compromisso que desde já assumimos com Participantes e Assistedos.

No plano interno, do ponto de vista da estrutura, o desafio é dar novo perfil operacional à Fundação.



Sérgio Wilson Ferraz Fontes, Diretor - Presidente da Fundação REAL GRANDEZA

FRG - Que medidas foram tomadas nessa direção?

Sérgio Wilson - Fizemos uma intervenção profunda na diretoria de investimentos, com afastamento de todo o quadro gerencial. O objetivo foi adequar o perfil funcional da área às novas diretrizes estratégicas da Fundação, de viés mais conservador no que tange à política de investimentos. Nessa mesma linha, em sintonia com as propostas do Conselho Deliberativo, nossa intenção é também promover uma reformulação no Comitê de Investimentos. Queremos dotar o Comitê de recursos e instrumentos capazes de embasar tecnicamente seus integrantes e dar mais segurança ao processo de tomada de decisões. Enxergamos nessa iniciativa um caminho para restaurar a confiança de Participantes e Assistedos. Outra medida relacionada à adequação da estrutura organizacional foi a nomeação, em caráter de interinidade, dos dirigentes Tereza Oliveira e Ermindo Cecchetto para os cargos de diretores das áreas de Segurança e de Relacionamento com Participantes, respectivamente. Essa decisão buscou restabelecer o equilíbrio de posições na diretoria, mas, como

representa um acúmulo de funções, a nossa expectativa é de que o Conselho Deliberativo preencha os cargos o mais breve possível.

No plano operacional, as medidas iniciais que tomamos tiveram como finalidade aprimorar controles internos e implementar na Fundação instrumentos mais modernos de gestão. O nosso foco é gerenciar riscos e otimizar rentabilidade.

FRG - Que questões são consideradas mais urgentes nesse momento?

Sérgio Wilson - De cara, nos deparamos com duas questões particularmente críticas para dar solução: a primeira diz respeito à necessidade de promover o reajuste do Plames – que sempre ocorre em outubro – a valores maiores do que os praticados nos anos anteriores em função das mudanças nas tabelas de serviços médicos. Pelos cálculos que encontramos, o impacto no bolso vai ser grande, mas estamos estudando todas as alternativas possíveis para reduzi-lo. A outra questão se refere às contribuições dos Participantes e Assistidos do Plano BD. Esse problema teve origem no déficit apurado em 1998 e continua pendente. Posteriormente, as Patrocinadoras assinaram contrato de confissão de dívidas e reservas a amortizar no valor de R\$ 1,1 bilhão, a valores da época. Desde então, o aumento de contribuição para honrar a parte que cabe aos Participantes na cobertura do déficit atuarial vem sendo adiado na expectativa da implantação dos novos planos de benefícios. Essa opção previa inclusive que as Patrocinadoras assumiriam os valores de responsabilidade dos Participantes e Assistidos como incentivo à migração. Mas, como se sabe, não foi implementada devido a uma ação movida na Justiça pela Após-Furnas.

“Fizemos uma intervenção profunda na diretoria de investimentos para adequar o perfil funcional da área às novas diretrizes estratégicas da Fundação”

FRG - Que alternativas estão sendo estudadas para o problema?

Sérgio Wilson - Entramos agora e a única alternativa factível - nesse iní-

cio - é revigorar a questão dos novos Planos; ratificar, ou não, a sua utilização como meio de evitar um aumento de contribuições. No nosso entendimento, somente a disposição para o diálogo e a aglutinação de todas as forças que hoje influenciam os rumos da REAL GRANDEZA serão capazes de apontar para uma saída de consenso.

FRG - O que está sendo feito para buscar uma posição de consenso?

Sérgio Wilson - A diretoria possui alto grau de coesão interna, de harmonia de propósitos. E nossa proposta é a de trabalhar de forma conjunta com os demais colegiados que compõem a administração da REAL GRANDEZA. Reitero: nesse momento, mais do que nunca, só o aglutinamento de forças, o trabalho conjunto e a disposição para o diálogo podem garantir a solução dos problemas da entidade.

Já fizemos contato com o presidente do Conselho Fiscal. Vamos procurar os recém-eleitos e os indicados para o Conselho Deliberativo, já procuramos todas as entidades representativas dos Participantes e Assistidos, inclusive a Após-Furnas, a despeito do histórico de divergências existentes em torno das propostas que defendemos.

A idéia é começar a discutir caminhos comuns de atuação, somar esforços. Parto do princípio de que não interessa a ninguém deixar a entidade em posição vulnerável. Nesse momento, estamos trabalhando com atuário interno, externo e consultoria jurídica na busca de alternativas que evitem o aumento de contribuição. Torcemos para que, em breve, tenhamos uma boa notícia para dar a respeito desse assunto.

FRG - Que outras boas notícias podemos aguardar?

Sérgio Wilson - Espero que muitas! Minha intenção ao tocar clara-

“Só o aglutinamento de forças, o trabalho conjunto e a disposição para o diálogo podem garantir a solução dos problemas da entidade”

mente em questões delicadas que nos afetam não é de forma alguma alimentar o clima de baixo-astrol que se instalou em torno da nossa Fundação.

Pelo contrário: quero deixar aqui uma mensagem de otimismo e dizer que nós confiamos na superação das dificuldades encontradas. Afinal foi acreditando nisso que assumi o desafio de vir para cá.

Posso dizer, nesse momento, que temos pelo menos duas boas notícias a dar: vamos implantar um *call center* para melhorar o atendimento aos usuários do Plames e levar ao Conselho Deliberativo um projeto que trata da concessão de descontos em medicamentos para os associados do Plames. Dar boas notícias é tudo o que queremos ■



Foto: Custódio Coimbra

Prioridade é segurança e liquidez nos investimentos

O novo diretor de Investimentos da REAL GRANDEZA, Ermindo Cecchetto, assumiu com a missão de dar novo perfil operacional à área. No momento em que todas as atenções se voltam para o aprimoramento dos controles internos e a minimização de riscos na gestão dos ativos da FRG, Cecchetto credenciou-se para a empreitada tanto por suas qualificações profissionais quanto pelo desempenho ao longo dos 30 anos de trabalho dedicados à Fundação. Como administrador, exibe um estilo particular: bom-humor e otimismo somam-se à experiência na liderança de equipes. Nesta primeira entrevista, ele fala sobre a situação atual e projetos futuros da área.



Ermindo Cecchetto, Diretor de Investimentos da FRG

FRG - Como estão as negociações da FRG com o Banco Santos?

Ermindo Cecchetto - Desde a intervenção no Banco Santos, em 20 de setembro, a REAL GRANDEZA se faz representar em reuniões na Abrapp, para tratar, em conjunto com as outras fundações, do ressarcimento do seu crédito junto àquela instituição. No dia 26 de setembro, já com a falência decretada, uma nova reunião aconteceu, dessa vez para tratar da habilitação dos créditos da REAL GRANDEZA junto à massa falida, com os integrantes do comitê jurídico da Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar.

FRG - O que foi discutido neste encontro?

Ermindo Cecchetto - Esse grupo está decidindo a contratação de um escritório para representar os Fundos de Pensão no processo de falência. A respeito, ficou acertada a atuação conjunta do nosso grupo da Abrapp com o outro liderado pela KPMG, que representa instituições financeiras nacionais. Isso não prejudica o encaminhamento da discussão das duas teses anteriores que vinham sendo trabalhadas com vistas à recuperação dos créditos. Uma defesa de adoção de medidas judiciais perante o Banco Central; outra busca o caminho da compensação por meio do fundo garantidor de crédito, fundo esse que cobre um valor de R\$ 20 mil por credor em instituições sob intervenção.

FRG - Isso significa que esse fundo poderia garantir um valor correspondente para cada um dos filia-dos da REAL GRANDEZA?

Ermindo Cecchetto - Existe uma tese - cuja viabilidade precisa ser checada - de que esses R\$ 20 mil são devidos a cada Participante do Fundo e não a este como um todo. É uma tese difícil, mas, caso venha a ser reconhecida, nos permitirá recuperar todo o montante que tínhamos no Banco Santos.

FRG - Quem vai representar a FRG no grupo de Credores?

Ermindo Cecchetto - Na gestão passada, essa era uma responsabilidade do Diretor de Investimentos. No momento atual, a nossa estratégia é envolver de maneira cada vez mais intensa a nossa assessoria jurídica, ficando sob a minha responsabilidade a representação institucional.

FRG - Há uma estimativa de prazo para a solução das pendências com o Banco Santos?

Ermindo Cecchetto - Vânio Aguiar, administrador da massa falida, nos disse acreditar que esse processo vai ser rápido, diferente de outros similares que existiram no passado. Mas, como sabemos, processos de falência são tradicionalmente demorados. No caso do Banco Santos, as perspectivas se tornam melhores em função da nova Lei de Falências, que trouxe uma série de novidades em benefício dos credores. Ainda assim, mesmo com os avan-

ços da legislação, não estamos livres de enfrentar uma longa batalha jurídica. Mas não importa o quanto demore: nossa determinação é buscar recuperar ao máximo as perdas que tivemos.

FRG - A política de investimentos definida para o ano de 2005 já sinalizou para uma atitude mais conservadora. Como fica a partir de agora?

Ermindo Cecchetto - Houve uma guinada efetivamente conservadora desde o episódio do Banco Santos. Nossa intenção é adotar, no momento atual, medidas ainda mais restritivas.

FRG - Por exemplo?

Ermindo Cecchetto - A primeira medida tomada foi muito pautada na minha filosofia de trabalho. Até colocar a casa realmente em ordem, vamos aplicar exclusivamente em títulos do governo, priorizando liquidez e segurança. Num cenário de normalidade futura, aí sim, poderemos partir para uma maior diversificação nas aplicações.

FRG - Traduzindo, o momento é de não correr riscos?

Ermindo Cecchetto - Exatamente. Estamos privilegiando a liquidez, a segurança, em detrimento até de uma rentabilidade maior. Essa foi a primeira diretriz consensada. A segunda foi decidida na última reunião do Comitê de Investimentos, quando ficou estabelecido, por exemplo, que vamos continuar investindo em títulos bancários, desde que os emissores sejam

instituições de grande porte, classificadas como de primeiríssima linha e os papéis sejam de baixíssimo risco de crédito. A FRG trabalhará em renda fixa com não mais de 12 bancos e, ainda assim, procurando pulverizar os investimentos entre eles.

FRG - Qual o perfil da carteira da Fundação hoje?

Ermino Cecchetto - Temos cerca de 75% da reserva garantidora em títulos de renda fixa, sendo mais de 50% compostos por títulos públicos. A parcela de renda variável representa 15% do total; e o restante se divide em imóveis (4,5%) e empréstimos a filiados (5,5%).

FRG - A nova diretoria fez uma intervenção na área de investimentos, inclusive com substituição de funcionários. Como está sendo reestruturada a área?

Ermino Cecchetto - Após a mudança de diretoria, nós trocamos todo o corpo gerencial, com o objetivo de adequar a estrutura às novas diretrizes da área, e também para preservar a boa imagem da Fundação e seus funcionários dos duros ataques que então ocorriam.

FRG - Existem mudanças previstas no modo de funcionamento do Comitê de Investimentos?

Ermino Cecchetto - Estamos preocupados com o funcionamento dos investimentos de modo geral. Então, o Conselho Deliberativo da Fundação nos deu a incumbência de reformu-

lar o CIRG (Comitê de Investimento da REAL GRANDEZA) aprimorando sua estrutura e fazendo ajustes no seu modo de operar. Nessa linha, já promovemos uma mudança aparentemente pequena, mas de enorme importância, que é a de realizar as reuniões do CIRG sempre tendo como perspectiva as alocações de recursos para o mês subsequente.

FRG - Antes não era assim?

Ermino Cecchetto - Até setembro, essas reuniões aconteciam normalmente no meio do mês em curso. Muitas vezes elas atrasavam ou sequer aconteciam. Agora, fazemos uma reunião sempre na última terça-feira do mês e traçando as metas em relação ao mês seguinte. Além disso, estamos modificando todos os formulários e mapas apresentados ao CIRG, etapa a etapa, assim como os relatórios gerenciais, para que o Comitê de Investimentos possa acompanhar a vida da FRG e determinar o seu futuro.

FRG - A direção da FRG estuda a possibilidade de implantar uma controladoria na área de investimentos. Que benefícios isso poderia trazer?

FRG - Partindo de uma premissa geral em administração de que quem planeja não faz e quem faz não controla, hoje em dia nós temos o planejamento como função da (GAI) Gerência de Análise de Investimento, mas a operação e o controle estão

dentro da (GOI) Gerência de Operações de Investimento. A idéia é retirar essa atribuição da GOI e passar para uma Controladoria.

FRG - Existe uma proposta de implantação de ALM em estudo?

Ermino Cecchetto - Já contratamos um estudo de ALM. *Asset Liability Management* é uma técnica moderna de gestão de riscos que permite administrar ativos de acordo com o perfil dos passivos – ou seja, dos compromissos futuros que teremos que arcar – dentro de uma visão de longo prazo. Uma vez implementada, ela exige customizações e atualizações permanentes. A nossa expectativa é, de início, contar com o apoio de uma consultoria mas, no momento seguinte, a idéia é treinar e capacitar nossas equipes de modo a que o trabalho seja realizado pela própria Fundação.

FRG - Quais os benefícios esperados?

Ermino Cecchetto - A garantia de que a Fundação terá recursos líquidos no momento exato da necessidade de desembolso para pagamento de benefícios, o que chamamos de casamento de ativos e passivos. Dessa forma, pode-se ter aplicações de mais longo prazo, sem surpresas no meio do caminho, como por exemplo o crescimento inesperado dos compromissos do Fundo. Poderemos otimizar os investimentos olhando os compromissos futuros sem correr riscos desnecessários ■

Precisamos de um choque de gestão

Em sintonia com os novos tempos, a REAL GRANDEZA aposta no *feeling* feminino e conta com uma mulher na sua diretoria executiva. A administradora de empresas Tereza Cristina de Oliveira é a nova Diretora de Administração e Finanças e, interinamente, também de Seguridade. Prata da casa – 26 anos entre FURNAS e Eletronuclear – e primeira mulher na história a presidir o Conselho Deliberativo da entidade, ela está confiante e trabalhando a pleno vapor para enfrentar os desafios que vêm por aí.

FRG - O que você está vendo de positivo neste momento de reestruturação?

Tereza Cristina - É a oportunidade de rever erros e acertos e corrigir rumos. Com o auxílio da auditoria que está

sendo feita por Furnas, poderemos avaliar todos os nossos processos administrativos. Esta iniciativa nos dá um grande conforto porque, na prática, estabelece o marco zero da nova gestão.

FRG - Qual o maior desafio que você identifica?

Tereza Cristina - No curto prazo é o atendimento das diretrizes impostas pela CGPC.013 – resolução que prevê a adoção de novas práticas de go-



Foto: Custódio Coimbra

Tereza Cristina de Oliveira, Diretora de Administração e Finanças e de Seguridade

vernança corporativa. Por conta disso, estamos acompanhando os grupos de trabalho internos da Fundação e analisando a possibilidade de instalar, ainda em 2005, um amplo programa de treinamento focado na educação para riscos, que deverá contemplar a empresa inteira. Queremos, ainda, promover uma maior aproximação da diretoria com o quadro funcional e com nossos Participantes e Assistidos.

FRG - Que benefício traria esse treinamento?

Tereza Cristina - A implantação de uma cultura de segurança nos negócios, com identificação de pontos de controle e, conseqüentemente, trazendo mais transparência aos nossos processos. Vejo isso com a expectativa de excelentes resultados a médio e longo prazos. Nosso grande objetivo é resgatar o clima de otimismo e confiança na casa. Todos sabemos que a Fundação tem muito potencial e nele estamos apostando.

FRG - Que medidas já estão sendo tomadas pela DA?

Tereza Cristina - Precisamos de um choque de gestão. Além das medidas de reestruturação tomadas na Diretoria de Investimentos, fechamos o acesso ao quadro de empregados da Fundação. A idéia é avaliar com cautela as necessidades da REAL GRANDEZA, bem como mapear as competências do quadro atual. Vamos rever as normas, procedimentos de trabalho e a estrutura organizacional buscando a adoção das melhores práticas de mercado. Pretendemos cultivar uma gestão participativa e, por meio de um Planejamento Estratégico, voltar toda a administração para o negócio da FRG.

FRG - Que outras atitudes estão previstas?

Tereza Cristina - Já começamos a mapear os processos de trabalho - e os custos correspondentes - que deverão ser transferidos em curto espaço de tempo para a CAEFE. Também estamos realizando o levantamento de todas as pendências econômico-financeiras, sejam da FRG ou a seu favor (desde empréstimos, pendências judiciais, dívidas com ou de Patrocinadoras).

FRG - Algum motivo de preocupação maior?

Tereza Cristina - Em relação ao FAS. Os poucos recursos encontrados no

Fundo de Assistência à Saúde são um motivo de grande preocupação para nós. Estão no seu escopo ações de vital importância para a preservação da qualidade de vida e saúde de nossos Participantes e Assistidos, tais como a complementação de ação da saúde, a complementação alimentar, o atendimento fora do domicílio e o atendimento médico-hospitalar. Precisamos urgentemente encontrar novas formas de repor estes recursos.

FRG - E há motivos de alegria?

Tereza Cristina - Claro que sim. Um deles foi a recepção que tivemos na casa. Acho que a harmonia de propostas e o estilo de atuação da nova diretoria, que se traduz, por exemplo, na disposição de estabelecer relacionamento mais direto com as gerências, teve repercussão muito positiva entre os funcionários. Outro dia recebi a visita dos integrantes da Comissão de Empregados da FRG e um dos temas que eles destacaram na conversa foi justamente a percepção de que o clima de tranqüilidade está voltando a reinar na Empresa. Existe incentivo maior para uma direção que sequer completou dois meses de trabalho?

“A Seguridade é a atividade-fim da Fundação. Todos os nossos esforços devem estar voltados para que, como resultado de uma administração consistente e investimentos eficazes, tenhamos nosso futuro garantido”

FRG - E a Diretoria de Seguridade, como está sendo tocada?

Tereza Cristina - Por conta da interinidade, não pretendo promover mudanças significativas na DS. A expectativa é de que um novo diretor venha juntar-se à nossa equipe. Entendo, assim, que devo preservar o espaço para a implantação da sua filosofia de trabalho.

FRG - Enquanto o novo diretor não chega o que pode ser feito?

Tereza Cristina - A Seguridade é a atividade-fim da Fundação. Todos os nossos esforços devem estar voltados para que, como resultado de uma administração consistente e investimentos efica-

zes, tenhamos nosso futuro garantido. Além das atividades de rotina, temos uma série de projetos em andamento ou a desenvolver. Dentre eles:

- Sistema Dinâmico de Avaliação Atuarial – SDAA;
- Implantação de rotina de recadastramento e teste das informações cadastrais;
- Implementação de controles para acompanhar a evolução da massa abrangida pelos planos de benefícios, acompanhamento contínuo das premissas atuariais e provisões matemáticas de cada um dos planos;
- Auditoria anual nos processos de concessão e manutenção dos benefícios complementares.

Estamos ainda priorizando o relacionamento com os Assistidos, por meio da divulgação de extratos de planos de aposentadoria com suas reservas de poupança, e analisando a possibilidade de, ainda este ano, criar um portal na internet que permita aos nossos filiados fazerem simulações de suas contribuições, benefícios e tributações.

FRG - E a questão do aumento da contribuição quando será abordada?

Tereza Cristina - A Lei 109/2001 prevê que os déficits dos planos sejam rateados, solidariamente, entre Patrocinadores, Participantes e Assistidos. Desde então, todos os esforços foram envidados para postergar a necessidade de aumento de contribuição, desde a criação do Plano CD, a perspectiva de saldamento do Plano BD e a tentativa de migração. Entretanto, esta é uma grande discussão que não pode mais ser adiada. Neste sentido, a diretoria deverá promover uma série de publicações e debates para esclarecer o tema ■



Foto: Custódio Coimbra